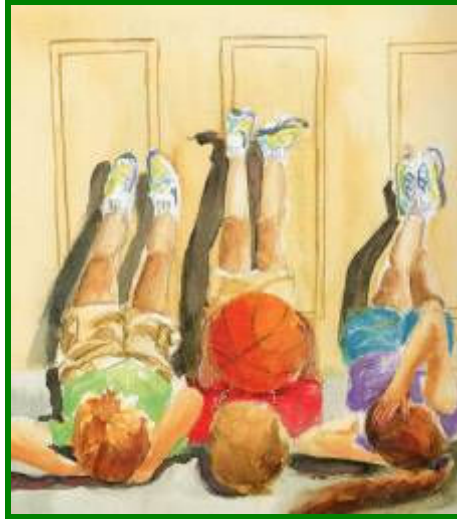


## Brincar às guerras

— Está muito calor para jogar basquete. Vamos fazer outra coisa — sugeriu Luke.  
Os amigos sentaram-se à sombra do salgueiro a decidir o que fazer.



— Tens mais balões de água? — perguntou Danny.  
— Não — respondeu Luke. — Quem me dera ter.  
— Podemos jogar jogos de vídeo — sugeriu Sameer, com um sorriso rápido.  
— Não, não podemos — disse Luke. — A minha mãe disse que tínhamos de brincar ao ar livre.

— Já sei! — exclamou Jeff. — Vamos brincar às guerras!

Luke levantou-se logo.

— Que ótima ideia! — concordou.

— E se fôssemos andar de bicicleta? — sugeriu Jen.

— Não, nem pensar — atalhou logo Jeff. — A guerra é melhor! Há muito que não brincamos.

E Luke acrescentou:

— Podemos esconder-nos e fazer uma emboscada. Jen, tu és boa a atirar granadas.

Jen sorriu.

Luke pegou num pau e traçou uma linha no chão poeirento. De um lado escreveu um grande S e do outro desenhou um I.



— Temos de nos dividir em duas equipas, Soldados e Inimigos.

Depois tirou o boné e pô-lo no meio da linha.

Jen explicou as regras a Sameer:

— Todos temos de pôr alguma coisa dentro do chapéu. Depois despejamo-lo em cima da linha e vemos quem faz de Soldado e quem faz de Inimigo, conforme o sítio onde os objectos caem. Vais ver que o Luke põe a sua placa de identificação militar. Faz sempre isso.

— O que é uma placa de identificação militar? — perguntou Sameer.

Sameer tinha vindo de um outro país para viver com os tios. Tinha aprendido a jogar basquetebol bem depressa, mas não sabia brincar às guerras.

Luke mostrou-lhe uma placa de metal brilhante que tinha ao pescoço.

— É isto. Era do meu tio. Ele já esteve numa guerra a sério e, quando voltou, deu-ma. Os soldados andam sempre com ela. É muito importante.

Sameer esfregou a placa brilhante com os dedos.

— Não tenho uma igual — disse.

— Não faz mal. Ninguém tem — consolou-o Luke. — Podes pôr outra coisa qualquer no chapéu. A Jen vai colocar uma pedra e o Danny põe um cromo de basebol.

Sameer remexeu no bolso e tirou de lá um pião.

— Posso usar isto?

— O que é isso? — perguntou Danny.

— É um pião — respondeu Sameer. — Vocês não têm disto aqui?

Tirou um cordel do bolso e continuou:

— Lá no meu país havia muitos.

De repente, o pião rolou aos pés deles. Sameer atirou-o ao ar, apanhou-o a girar e colocou-o no boné de Luke.



— Que espectáculo! — disse este.

Depois virou o boné com um gesto rápido e anunciou:

— Os Soldados são Danny, Jen e Jeff. Os Inimigos são o Sameer e eu.

Antes mesmo de os outros se terem mexido, Luke correu pela encosta abaixo, gritando:

— Os Inimigos vão para o pinhal. Os Soldados ficam aqui.

Jen queixou-se:

— Não é justo começar a guerra antes de estarmos prontos!

— Como nos preparamos para uma guerra? — perguntou Sameer, logo que chegaram às árvores.

— Apanha paus para fazerem de armas e pinhas para fazerem de bombas e granadas. Temos de ter um plano de ataque.

Dentro de minutos, o boné de Luke estava cheio de pinhas. Sameer só tinha uma.

— Só tens uma? — admirou-se Luke.

— Acho que chega.

— Talvez para ti. Quanto a mim, tenciono arrancar-lhes a cabeça!

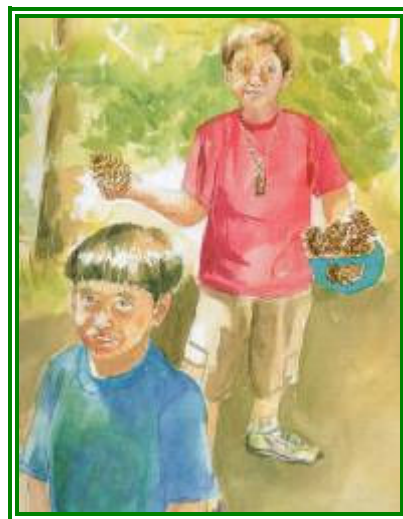
Sameer deu a sua pinha a Luke e disse:

— Lembrei-me agora de que tenho de ir cedo para casa.

Virou costas e deixou o amigo ali espedado.

— Espera! — gritou Luke. — Não posso ser o único Inimigo! São muitos contra um!

Mas Sameer já tinha desaparecido.



Quando os miúdos se juntaram de novo na manhã seguinte, o plano de Luke estava pronto. Tinha apanhado montes de pinhas atrás de casa e tinha-as escondido no pátio. Estava ansioso por começar. Comentou para Sameer:

— Quem me dera que houvesse uma guerra para miúdos. Uma guerra a sério.

— E há — disse o amigo, em voz baixa.

— O quê? Onde? — quis saber Luke.

— No meu país.

Sameer pegou numa bola de basquete, driblou e encestou.

— No sítio onde vivias? — perguntou Luke.

— Sim, perto da minha casa verdadeira, antes de vir viver com o meu tio Mustafa. Até participei nela.

— Nela o quê?

— Na guerra.

— Estás a brincar! Nunca nos contaste nada. Tinham miúdos-soldados e metralhadoras?

Sameer deixou cair a bola e sentou-se junto de Jen. Embora tivessem brincado bastante juntos este Verão, nenhum deles sabia muito sobre o novo amigo.

— Não gosto de falar sobre isso — confessou Sameer. — Eu não era soldado. Ninguém na minha família era. Entrámos na guerra porque fizeram a nossa casa ir pelos ares.

— Quem fez? — perguntou Jeff.

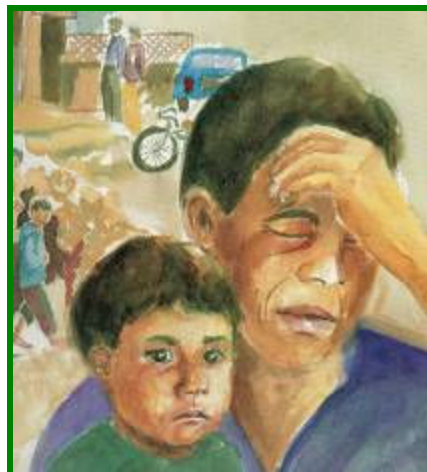
— Não sabemos. Havia muitos tiros a serem disparados de ambos os lados.

O menino pegara, entretanto, no pião, e começara a enrolar o cordel em torno dele.

— Os meus pais e o meu irmão estavam em casa quando morreram. Como eu estava na escola, salvei-me e vim viver com o meu tio Mustafa.

— Mas, porque atacaram a tua família? — sussurrou Jen.

— Foi um engano. Não planeavam atacar-nos. O meu tio disse que os morteiros deviam ter atingido outras casas.



Todos olharam para ele. Ninguém sabia o que dizer. Sameer falava de algo que eles nem imaginavam que existisse.

— Foi um erro terrível — disse Luke, por fim.

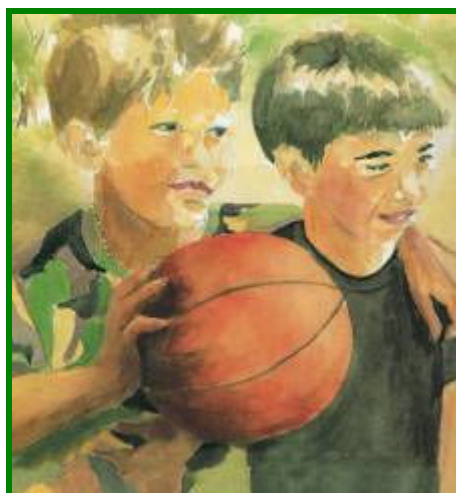
Sameer assentiu com a cabeça.

— Quem me dera que nunca tivesse acontecido.

Ao ouvir a história de Sameer, Luke teve vontade de chorar. Por momentos, ficou apenas a olhar para o pião do amigo. Depois, foi até à linha divisória que traçara no chão e apagou as letras S e I, bem como a própria linha.

— Não vamos jogar mais? — quis saber Danny.

— Vamos — respondeu Luke, pondo o braço em torno de Sameer. — Vamos jogar basquete.



Depois olhou para os amigos e disse:

— Está muito calor para guerras.

Kathy Beckwith; Lea Lyon  
*Playing War*  
Maine, Tilbury House, 2005